



Biograph



PESQUISA NARRATIVA: um experienciar para a conscientização, empoderamento e a autoreflexão formativa

Soely Aparecida Dias Paes (SMECEL)soelypaes@hotmailcom¹

Introdução

As narrativas tem se apresentado aos pesquisadores brasileiros como importante estratégia teórico-metodológica para as pesquisas voltadas à formação docente na medida em que permite revelar trajetórias singulares mediante cenário composto pela temporalidade, sociabilidade e lugar, segundo Clandinin e Connelly (2011). As nuances entretecidas por estes elementos apontam como o experienciar formativo pode ser (re)elaborado, constituindo um leque de saberes sobre a formação docente. Essa nova perspectiva de se fazer pesquisa busca revigorar o campo de investigação ao desvelar tal dinâmica, como observamos nas obras da coleção *Modos de viver, narrar e guardar*, organizada por Ana Chrystina Mignot e Elizeu Clementino de Souza.

Entre estas o livro *Escrita de si, Resistência e Empoderamento*² organizado por Souza, *et all* (2014), nos convida a mergulhar em inúmeros e reveladores percursos formativos, reafirmando o papel mediador da narrativa biográfica nos processos de (re)construção de si pelas experiências formativas. Assim, na busca de ampliar minhas experiências formativas sobre a pesquisa narrativa tomo esta abordagem como estratégia metodológica, concomitante ao seu potencial à minha própria formação, no sentido em que se aproxima dos estudos os autores Clandinin e Connelly (2011), objetivando lançar luz à própria experiência pessoal e profissional a fim de refletir sobre

¹ Mestre em Educação pela Universidade Federal de Mato Grosso/UFMT, atualmente Formadora na Secretaria Municipal de Educação, Cultura, Esporte e Lazer/SMECEL-VG.

² A Coleção *Modos de viver, narrar e guardar*, organizada por Ana Chrystina Mignot e Elizeu Clementino de Souza e editada com o apoio do CNPq, CAPES, FAPERJ, Fundação Cesgranrio, UNIMEd/Rio de Janeiro e BIOgraph, foi publicada pela Editora CRV, apresenta maior aprofundamento sobre o tema.

o potencial da pesquisa narrativa enquanto instrumento de comunicação da experiência, conscientização e do empoderamento formativo.

Neste sentido, enquanto pesquisadora busco experienciar o potencial desta estratégia metodológica para refletir sobre minha formação docente. Para fins que se objetiva a pesquisa em pauta sobre o potencial da narrativa enquanto instrumento de comunicação da experiência, conscientização e do empoderamento formativo, utilizei o memorial descritivo para materializar experiências da trajetória pessoal e profissional a fim de tensionar um novo olhar e promover outros significados.

Apresento, nas reflexões de autoformação a seguir, provisórias tessituras das experiências pessoal e profissional, continuamente elaboradas, no ensejo de compor novos sentidos a partir do protagonismo, hora mais, hora menos, pelos melindres singulares e sinuosamente que a vida se desdobra.

A investigação sobre a própria experiência é um experienciar de si, logo, ao possibilitar à pesquisadora compreender melhor sua própria experiência, poderá potencializá-la a conhecer e refletir melhor sobre a experiência do outro. Portanto, ao (re)elaborar suas experiências na perspectiva do diálogo vivo que se aproxima da versão gadameriana (GADAMER, 2014, p. 80-102) a pesquisadora busca distanciar dos julgamentos e empreender um diálogo sensível ao outro, neste caso de si mesma.

Para esta empreitada, de escuta sensível, é fundamental ao pesquisador construir estreita relação de respeito à sua própria escuta, suas experiências, e isso não é tarefa fácil, pois segundo o Gadamer (2014) diligenciar sobre a própria experiência e narrativizá-la, como propõem Clandinin e Connelly (2011, p. 98), é fundamental para o pesquisador confrontar sobre “[...] nós próprios em nosso passado narrativo torna-nos vulneráveis como pesquisadores, pois transforma histórias secretas em histórias públicas”. Esse Experienciar reafirma o objetivo de investigação desta pesquisa, que se guia pelas seguintes questões: Que sentidos podem suscitar as narrativas desta professora e pesquisadora materializadas em um memorial descritivo, com vistas ao experienciar a conscientização, empoderamento e a autoreflexão formativa? Como tal experiência poderia potencializar a escuta da experiência do outro?

Alguns momentos são marcantes à pesquisadora que toma, inicialmente, o desejo de narrar, contar e partilhar suas experiências para expô-las enquanto objeto de investigação. Ensejo que vislumbra não os fatos cronologicamente formatados, mas que,

VII Congresso Internacional de Pesquisa (Auto)Biográfica

UFMT – Cuiabá – 17 a 20/07/2016

Anais VII CIPA – ISSN 2178-0676

insita um mergulho nas experiências registradas em memorial descritivo, aspecto que a torna uma importante estratégia metodológica de investigação, conforme abordam Clandinin e Connelly (2011, p. 48).

Um dos aspectos a esta opção ocorre pela liberdade narrativa, na qual o sujeito pode apresentar suas significações sobre suas experiências, no sentido da construção de um tratamento essencialmente relacional, e não meramente de coleta de informações, como pressupõe os ideais positivista de investigação.

As narrativas a seguir demarcam fatos da vida, mergulhos que rememoram momentos da infância à vida adulta, para tencionar a subjetivação, a singularidade dos significados que compoem sobre tais experiências. Assim, observa-se que apesar de ser uma experiência de forte impacto à vida formativa se tornar professora formadora em um Centro de Formação e Atualização dos Profissionais de Educação Básica/CEFAPRO, ou ainda, um marco no que tange ao experienciar para a conscientização, empoderamento e a autoreflexão desta pesquisadora, tal fato tem nascedouro longínquos.

Assim, ao transitar pelas experiências vivenciadas, comunico diferenciadas experiências pessoais e profissionais, a você leitor e leitora, que dialoga comigo. A exposição subjetiva (GADAMER, 2014) de processos reflexivos singulares, podem trazer à tona, a experiência do próprio leitor. Pois, quem se propõe a ouvir, ler e a (re)pensar sobre as experiências do outro, também se envolve em uma alquimia fecunda, junto à composição de novos sentidos das próprias experiências, passíveis de serem evidenciadas e (re)significadas pelos envolvidos neste diálogo vivo.

Ao iluminar a própria trajetória profissional, o pesquisador se debruça no seu processo formativo, neste contexto, saber de si, favorece a reflexão sobre o outro, na medida em que mergulhar em suas próprias experiências o potencializa a compreender a do outro.

Premissa que trás à tona o protagonista da sua trajetória e desvela significados mediante (re)construção das tensões do passado no presente, seus sentidos a partir da organização dessas experiências, que segundo Gadamer (2014, p. 80) é definido como diálogo vivo, ao remeter que este se dá mediante inteiração entre os participantes deste diálogo, constituindo, nesse encontro, um espaço de excelência da experiência social, desde que resguardado alguns princípios.

Na excelência gadameriana, o espaço do diálogo pode suscitar o entendimento e o saber renovado, por permitir aos interlocutores, mais do que compreender a opinião do outro, “[...] mais ainda refletí-la, ou seja, tomá-la como espelho; pois nele a pessoa é lançada de volta a si mesma e obrigada a reavaliar suas convicções anteriores” (GADAMER, 2014, p. 84). Disposição que permite a reflexão tanto a quem narra quanto a quem atentamente ouve e le, pela complementaridade exigida no diálogo vivo entre os interlocutores.

Esse princípio da narrativa corrobora com o contar, o reviver e o experienciar a si mesmo, em um trâmite interior que permite ao profissional tomar consciência de suas experiências e seus processos de aprendiz. O que torna possível comunicar alguns aspectos sobre os percursos da experiência formativa, ensejo que se inscreve na escrita pessoal, materializada a partir de um espaço de existência, de (re)elaboração de si e do mundo, possibilitando uma singular condição ao desenvolvimento formativo. Narrativas que compõe lugar privilegiado para a construção da subjetividade.

Olhar para si mesmo, em um tempo, em um dado lugar, potencializa esquadrihar e esmiuçar cada recuo, as lutas, os sentimentos, e identificar onde, quem e como atuou. Diante de sua própria trama historiada, a autoreflexão possibilita um olhar sensível (MAFFESOLI, s/d), que descortina e promove o desenvolvimento profissional. Pois, ao narrar o fato vivido, o narrador revisita suas próprias experiências, atribui novos significados, pois o tempo cronológico, o tempo das emoções, o tempo alma compõe, no momento das narrativas, substratos que alimentam o aprendizado da vida (PINEAU, 2003).

As narrativas descritas no memorial descritivo, apresentadas a seguir, revelam que os contextos de vivência acabam por constituir dimensões significativas de natureza temporal, social e de lugar (CLANDININ e CONNELLY, 2011), compondo-se elementos de excelência na construção entretecida da identidade docente, ao fomentar um caráter experiencial a quem deseja e sabe que precisa aprender sempre e que retoma suas próprias experiências.

Um experienciar para a conscientização e o empoderamento: De menina analfabeta à professora alfabetizadora

Na verdade, o inacabamento do ser ou sua inconclusão é próprio da experiência vital. Onde há vida, há inacabamento. (FREIRE, 2003, p. 55).

Primogênita de três irmãs, filha de duas mães e um pai-avô, vivi a pouca idade já com muita responsabilidade e pouca ludicidade, em uma pequena casa de dois quartos, com fluxo mais de quinze pessoas oscilando entre as voltas e reviravoltas da vida; partilhavam, além das três camas, o espaço da sala-cozinha para acomodar todos durante as longas noites e os tumultuados dias. A pouca idade me amedrontava, a ponto de achar que o mundo acabava depois da mercearia do “japonês”, local onde comprávamos a retalho querosene e banha de porco. Pão doce, era coisa esporádica, pois o dinheiro era novidade a visitar em tempos especiais.

Neste panorama social, escola não era, para a nossa família, algo que pudesse projetar nenhum diferencial na vida de alguém. E, mergulhada nesta projeção do olhar dos mais velhos, ir para a escola, portanto, não agregava muito no domínio das reais necessidades mais urgentes. Para que buscar os saberes escolarizados? Para minha mãe havia coisas mais importantes a serem realizadas – a labuta diária, o serviço braçal, físico que se desdobrava nos proventos, mesmo que precários, tinham destino certo, a alimentação. Isso sim, matar a fome, era prioritário.

Quiçá, sei que esse período da vida muito me marcou fortemente, me conduzindo a buscar continuamente um caminho, outra resposta: a de ser protagonista do enredo da minha vida. Logo, a trama disforme me ensinou, bem cedo, a perceber que era mais urgente criar um texto fictício para inculcar à minha avó o domínio da leitura, do que, de fato, dominar tal capacidade. Era preciso, ainda, mais que prover alimentos e o pagamento de algumas contas com onze anos.

A leitura de mundo, já em muito, estava em vantagem, pois já lia nos portões fechados das casas dos vizinhos, que não me permitiam partilhar os brinquedos dos seus filhos e, na falta de um bom sapato no pé, que precisava elaborar um acesso através do direito à dignidade para ser respeitada enquanto pessoa. Lia os olhares de desprezo por parte dos vizinhos, que viam em mim o destoar do que seriam para eles uma criança que vivia sob um modelo familiar correto, leituras enviesadas de uma comunidade impregnada de conceitos preconceituosos que pairavam fortemente na década de 1970.

A visão que hoje projeto da minha trajetória pessoal e profissional me conforta ao pinçar na memória algumas reflexões oriundas de Freire (2003), que me permitem parafraseá-lo, e me considerar ser inconcluso. E, nessa inconclusão, venho me constituindo no decorrer da existência e experiências.

Por mais que a memória insistisse em esconder as experiências vivenciadas, ao percorrer os labirintos da minha história, vou recuperando as vagas lembranças desta teia que a memória insistiu em obscurecer, mas que a insistência advinda dos fleches que vinham à tona, aos poucos foram se desvelando. Oportunidade de me inspirar buscar nas palavras de Nóvoa (2009, p.31), que “[...] Educar é conseguir que a criança ultrapasse as fronteiras que, tantas vezes, lhes foram traçadas como destino pelo nascimento, pela família ou pela sociedade”. Reflexão que me inspiraram a (re)elaborar as relações sócio-cultural e histórica por onde constitui a minha trajetória e fazem emanar novos significados, revelando fronteiras ultrapassadas, e outras tantas incólumes.

Para romper as cercas é preciso ultrapassar fronteiras, superar... E a superação se revela como um dos principais talentos do ser humano que, em face dos obstáculos, luta de modo incansável para transpô-los. Reflexão que permanece a me iluminar e orientar, mas que outrora pouco ou nada poderiam elucidar o percurso realizado.

O caminho de minha existência nasceu da certeza de que, apesar dos cerceamentos impostos pela dura realidade, é possível enfrentar os desafios e desfrutar a sensação da liberdade ao conseguir superá-los. Conheci intimamente muitos cerceamentos, entre eles diferentes formas de manifestação: o prato vazio, a infância negada, a discriminação, cuja raiz estava em minha origem social - tão diversa de um modelo padrão de família!... E a hostilidade que se seguia e que tanto feria... Quantas barreiras... Mas, também, quanta determinação e coragem para transpô-las.

Entre as vitórias alcançadas, a conquista do acesso ao universo do ler e escrever. Conquista que chegou após três anos de escolarização, após anos de reprovações sucessivas.

Ler e escrever foram conquistas valiosas que coroavam todos da família que agora tinha uma pessoa capacitada a revelar o que diziam as letras. Fato que inundou de luz os segredos guardados entre as letras do alfabeto e os significados que os

VII Congresso Internacional de Pesquisa (Auto)Biográfica

UFMT – Cuiabá – 17 a 20/07/2016

Anais VII CIPA – ISSN 2178-0676

atravessavam. Ler e ultrapassar a silabação me possibilitou “ser livre” para desvendar os mistérios de coisas a até então inacessíveis à minha compreensão: a leitura da bula de um medicamento, a identificação dos valores das contas de água e luz, a produção de um recado, o reconhecimento do destino do ônibus.

Além do acesso às informações práticas, a leitura para mim significou, sobretudo, a possibilidade de adentrar no universo dos sonhos, no encantamento dos textos poéticos, nos registros dos segredos pessoais... Enfim, um refrigério diante do mundo cinza que se apresentava. Assim, era possível sonhar com um futuro melhor, seguir rumo ao crescimento interior que o mundo da cultura me possibilitaria.

Tempos depois, mediante o domínio da leitura e da escrita, que me capacitou a registrar minhas memórias, a desbravar novos horizontes, os dissabores experimentados em meus inícios escolares me trouxeram grandes inquietudes e, entre estas, a sensação de que aquele lugar somente me aprisionava, me “enformava”, ao exigir sempre o que eu não podia dar.

O brilho em minha alma sonhadora aos poucos se perdia e se traduzia em baixa autoestima, impulsionando-me a me envolver em brigas dentro e fora da escola; além disso, insinuava-se, em meu íntimo, um desejo crescente e persistente de não mais prosseguir os estudos. Assim, os primeiros anos de escolarização sinalizavam à pequena menina um perfil “difícil”, segundo a professora e a conturbada relação estabelecida com os colegas de sala.

A pequena menina, já privada de tantos outros acessos sociais, não conseguia romper as barreiras para penetrar na cultura do “templo” escolar, e esta sensação provocava uma miscelânea de conflitos pessoais guardadas na “caixinha do coração” e nos olhos curiosos e atentos da menina que amadurecia rapidamente. Contexto que com a perda do pai/avô e, em seguida, da avó, descortinavam escuridão sem fim.

Superados os difíceis tempos da alfabetização, a continuidade dos estudos não ocorreu de modo diferente em relação às dificuldades a serem rompidas ao longo do processo de escolarização, no tocante à aprendizagem. Nesse período escolar, já na adolescência, comungava das obrigações da escola com as atividades profissionais de babá, manicure, e doméstica, e posteriormente o trabalho de “professora de tarefa” das crianças que tinham dificuldades em realizar as tarefas de casa encaminhadas pela escola.

Findo o Ensino Fundamental, a época denominado Primeiro Grau, novos conflitos, novas aprendizagens... Trilhando caminhos sinuosos, consolidei minha atuação na educação, baseada no respeito ao outro, pela gratidão aos que contribuíram com as importantes vitórias pessoais e profissionais, e pela constante reflexão quando em face dos desafios. Por essa via, minha trajetória se tornou luz a iluminar a tantos quantos tive a oportunidade de conviver. Portanto, é fundamental que a criança ultrapasse as “fronteiras”.

De criança com grandes dificuldades em se alfabetizar à consolidação da profissão docente, com larga experiência junto à Educação Infantil e anos iniciais do Ensino Fundamental, a dificuldade pessoal no período da alfabetização parece ter consubstanciado o entusiasmo pela pesquisa e atuação no processo inicial da vida escolar.

O experienciar e a constituição de ser professora

Ao longo de mais de duas décadas de atuação na educação pública, experiencie diferentes funções. A atuação em duas escolas públicas de âmbito municipal e estadual, seus contextos políticos na condução da elaboração e desenvolvimento curricular, foram condições que possibilitaram compreender o quanto pode ocorrer modos diferenciados de se conceituar e conduzir o processo de ensino e aprendizagem.

Ser docente nos diferentes anos da educação básica requer saberes de diferentes áreas de conhecimento e fundamentalmente conhecer os ciclos do desenvolvimento humano. O trabalho junto à coordenação pedagógica possibilitou uma compreensão mais ampla do processo escolar.

Apesar de não haver, nesse período, uma cultura formativa na rede municipal e estadual, buscava investigar e refletir sobre os desafios inerentes às funções desenvolvidas, ensejo que me conduziam a ler, refletir, participar de seminários e congressos. Em alguns momentos intuitivamente, busquei trazer à sala de aula novidades que pudessem responder aos desafios de conduzir uma aula atrativa aos alunos. Outras vezes o diálogo com os teóricos que discutem sobre os desafios voltados ao processo teórico-metodológico do processo de ensino e aprendizagem me conduziam

a propor ações mais profícuas junto aos desafios da atuação docente. Tal postura profissional, aos poucos, me potencializava a atuar de modo mais segura e reflexiva.

Por outro lado, os saberes elaborados não eram suficientes para dar conta dos desafios inerentes à atuação profissional envoltos no processo educativo escolar. Ansiosa por ampliar os conhecimentos busquei me especializar em Psicopedagogia no ano de 2001.

Com o passar do tempo, multiplicavam-se os desafios à minha atuação docente, o que me fez entender que a formação deveria transcorrer ao longo da trajetória profissional. Tal compreensão me conduziu a uma contínua formação profissional, e foi por essa via que adentrei no Mestrado em Educação pela Universidade Federal de Mato Grosso, em 2006, inserindo-me com maior profundidade no universo da pesquisa acadêmica com a produção de trabalhos científicos e participação em seminários e congressos.

Paralelamente à formação permanente, desenvolvi enquanto docente trabalhos no Ensino Superior regular e na Pós-Graduação, na modalidade de Ensino a Distância, junto a coordenadores pedagógicos de escolas públicas de Educação Básica. Tais atuações me conduziram a reflexões acerca das políticas públicas educacionais, gestão administrativa e pedagógica, projetos, currículo, bem como, proporcionou o desenvolvimento de propostas pedagógicas desenvolvidas nos espaços educacionais.

O trabalho junto à especialização na modalidade on-line exigiu a superação de meus limites pessoais, pois, nesse período, tinha pouca familiaridade com as ferramentas utilizadas nas salas ambientes. Assim, para romper os medos ligados ao uso da plataforma, me dediquei a participar de formações destinadas à exploração do ambiente virtual e, com proposição de melhor me familiarizar com a plataforma, me inscrevi em cursos online.

Nesse período, meu olhar se afinou às discussões sobre a modalidade de ensino a distância e, para subsidiar as reflexões desse novo universo de aprendizagem pessoal e profissional, busquei participar de momentos que pudessem contribuir com leituras, observações, e reflexões sobre EAD. Conjuntamente a estas buscas, recorria ao apoio de uma amiga, que prontamente me orientava o que me possibilitou avançar no uso das ferramentas tecnológicas.

Constituíram estas reflexões um rico quadro, no qual reconhecemos que as aprendizagens da docência revelam que os diferentes contextos sócio-culturais constituem dimensões ricas para a constituição da identidade docente. Convergem, para esta aprendizagem da docência, dimensões subjetivas, pessoais e coletivas, entrelaçamento experiencial, que têm como nascedouro os próprios sentidos elaborados e reelaborados pela docente.

De professora à formadora de professora

Em 2007, a partir de um concurso interno realizado pela Secretaria de Educação do Estado de Mato Grosso, passei a integrar o quadro de professora formadora no CEFAPRO/MT - Centro de Formação e Atualização dos Profissionais da Educação. Tal perfil profissional demandava desenvolver ações voltadas à formação inicial e continuada, emanadas pelas Políticas Públicas Estaduais, no que tange a: formação inicial e continuada dos profissionais da educação, das parcerias com as Secretarias Municipais de Educação deste estado, e do Ministério da Educação e Cultura/MEC.

Contexto que demandou assumir ações formativas que exigiram o diálogo com as diferentes áreas de conhecimento, a fim de compor maior tessitura de compreensão diante do novo quadro profissional que se forjava. Desafio profissional que me provocou a debruçar em estudos e pesquisas, a fim de idealizar ações formativas que pudessem contribuir com o fazer pedagógico no âmbito educativo.

Urgências que exigiram adentrar em discussões pouco familiares, como: políticas públicas, aspectos teórico-metodológicos voltados às especificidades disciplinares e desenvolver ações formativas com abordagem interdisciplinar, no sentido de compondo um fazer pedagógico integrador, bem como, saberes voltado às fases do seu desenvolvimento humano.

Quanta angústia, medo... Era como estar no vazio, tamanha aflição. Desafios que me conduziu a novas trilhas formativas, a novos contextos e agrupamentos de estudos.

A dinamicidade proveniente do labor junto ao CEFAPRO/MT depreendiam estudos e reflexões permanentes. O que me conduziu a romper com os saberes pragmáticos, aprisionados em distintas caixinhas, mediante o investimento em tempos de estudos e pesquisas, em momentos individuais e coletivos.

Outra experiência que favoreceu minha aprendizagem enquanto formadora foi estar junto ao fazer cotidiano da escola, o que ocorreu mediante assessoramento e acompanhamento do desenvolvimento do projeto formativo “Sala de Educador”, projeto idealizado pela Superintendência de Formação da Secretaria Estadual de Educação do Mato Grosso. Contexto de escuta atenta às queixas, e partilhas sobre os êxitos e desafios da escola pública, mas também a construção coletiva de novos caminhos.

Inserir-se, nesse nicho de desafios, o diálogo constante com teóricos que discutem a vertente da participação coletiva, emancipatória, de responsabilidade social e inclusiva, a partir de análises e reflexões nascidas da observação do contexto sócio, político e cultural, conjuntamente com os diferentes segmentos sociais, e a proposição de formações continuada primada pela vertente do diálogo, da troca de saberes e da pesquisa.

De modo que os contextos vividos corroboram por me constituir, uma vez que a formação pressupõe a gênese das dimensões subjetivas e pessoais, seu entorno histórico, social, político e espiritual. Além de suscitar aspectos de natureza política e filosófica, dentre tantas mais, dada a natureza holística do ser humano (DAY, 2004).

Na tônica da autoformação, e de participar do grupo de estudos voltados às Políticas Públicas de Formação, aspectos teóricos do processo de ensino e aprendizagem para o Ensino Fundamental e sobre a Formação Docente, busquei ampliar o tempo de estudos, à medida que os desafios profissionais indicavam a necessidade de compreender mais e mais amplamente os saberes que envolvem também o Ensino Médio.

Para consolidar os referenciais de pesquisa e estudos, busquei ao longo de oito anos de atuação no CEFAPRO/MT participar de eventos formativos que me possibilitaram, a ampliar o arcabouço teórico sobre: a Formação Docente, Políticas Públicas, Pesquisas Narrativas e demais temáticas que dialogam com estes. Propositura que tem sido provocadora da minha formação permanente.

Subjetivação: resistência e empoderamento

A narrativa de si tem uma natureza expositiva, espaço-lugar de existência e reconstrução de experiências. Cada narrativa toma “[...] nesse contexto, o lugar da ação de ordenar o mundo, evocar sentidos, numa visão de si e do outro” (SOUZA, 2014, p.

VII Congresso Internacional de Pesquisa (Auto)Biográfica

UFMT – Cuiabá – 17 a 20/07/2016

Anais VII CIPA – ISSN 2178-0676

14). Por isso, na constituição do eu que narra uma subjetivação, um olhar singular da experiência que o empodera ao se construírem, através dos seus registros, aprendizagens sobre a vida.

Esse empoderamento se constitui pela ação pessoal de organizar sua própria existência, portanto, de sua subjetividade diante das suas experiências, afirmando a singularidade da trajetória do desenvolvimento profissional. Nesse sentido, narrar é espaço de resistência, ao possibilitar evocar sentidos, numa visão de si diante dos fatos. Comunga do potencial da narrativa Souza (2014), ao destacar que ela possibilita o empoderamento e a resistência que se materializa através de uma escrita consciente. Processo que expõe e constitui movimento de enfrentamento das experiências vividas, ressignificando-as através da escrita.

A tessitura de histórias de pessoas comuns expõe, muitas vezes, não marcas históricas de rastros titânicos, mas compõe enredos que podem permitir um olhar singular e, assim, partilhar um lugar aparentemente comum, que ao ser narrativizado, adquire minucioso enredo que compõe subjetivamente sua experiência; tal perspectiva configura uma importante fonte para conhecer trajetórias inconclusas, sentidos desconhecidos, pois “é uma cartografia, que vai se fazendo como um território, de acordo com as linhas que se vai traçando” (ABRAMOWICZ, 2014, p. 57-58).

Tal experimentação, de narrar a própria experiência formativa, me permite trazer significados, compor subjetivações da trajetória pessoal, lançando a cada palavra sentidos que retratam a versão pessoal. Expõem impasses, desvelam segredos e fomentam caminhos um tanto comuns, mas pouco expostos muitas vezes. Não se trata aqui de uma sensibilização barata, mas da nudez em apresentar tramas frágeis de uma experiência.

A Pesquisa Narrativa, devido às possibilidades de (re)significação, suscita no ser que narra a subjetivação, ou seja uma pesquisa-ação. Atribuindo novos significados aos fatos já vividos, as experiências ganham novas dimensões, significados, pois o tempo cronológico, o tempo das emoções, o tempo alma são elementos importantes e que corroboram nesse aprendizado da vida (PINEAU, 2003).

As aprendizagens da docência, narradas neste memorial, revelam que os contextos de vivência acabam por constituir dimensões significativas da identidade docente. Do entrelaçamento experiencial resulta a provisoriade de saberes pessoal e

VII Congresso Internacional de Pesquisa (Auto)Biográfica

UFMT – Cuiabá – 17 a 20/07/2016

Anais VII CIPA – ISSN 2178-0676

da docência, que tendem a tomar novas dimensões, na medida em que me proponho a buscar novos sentidos, continuamente.

Algumas Considerações

Esta comunicação objetiva socializar a investigação acerca do potencial da pesquisa narrativa, na perspectiva que se aproxima dos estudos apresentados por Connelly e Clandinin (2011), enquanto instrumento de comunicação da experiência, conscientização e do empoderamento formativo. Ensejo que revela a narrativa em memorial como rica estratégia para materializar as experiências pessoal e profissional constituindo-se em lugar de resistência, de empoderamento. Ou seja, de desenvolvimento formativo, construção de si, por se constituir em importante estratégia mediadora para a construção de si. Dimensão performática da escrita (auto)biográfica que dispõe sobre a temporalidade, a sociabilidade e os lugares que atravessam as experiências pessoal e profissional.

Portanto, o empoderamento, não ocorre divorciado do desenvolvimento docente. Este se constitui na práxis pessoal e coletiva de resistência ao tornar-se espaços de conscientização, resistência e experiências significativas, por fomentar a (re)construção do vivido. Mergulho que possibilita empoderarmos dos atos, refutar outros e (re)significar as memórias negadas, obscuras e as exitosas, evidenciar os percursos marginalizado, cerceado. Nesse sentido, as narrativas de si, como lugar de (re)significação tornam-se um lugar de empoderamento, pois provoca a identificação autoral na trajetória pessoal e profissional.

A experiência de narrar as próprias experiências é um mergulho à (re)significação permanente. Ao propor pesquisar o potencial da pesquisa narrativa, na perspectiva que se aproxima dos estudos apresentados por Connelly e Clandinin (2011), enquanto instrumento de comunicação da experiência, conscientização e do empoderamento formativo, transito entre a infância de tenso processo de alfabetização à fluides que a própria trajetória vem se constituindo ao aprender a ser professora e formadora de professoras.

Assim, todas as experiências são entretidas tornando o hoje mais potencial, mais vívido, ao tangenciar a experienciar com rico potencial à conscientização,

VII Congresso Internacional de Pesquisa (Auto)Biográfica

UFMT – Cuiabá – 17 a 20/07/2016

Anais VII CIPA – ISSN 2178-0676

empoderamento e a autoreflexão formativa desta pesquisadora. Nuances entretecidas por estes elementos apontam como o experienciar formativo pode ser (re)elaborado, constituindo um leque de saberes sobre a formação docente. Portanto, a narrativa apresentada capta significações e apresenta sentidos novos ao serem narradas, configurando importante instrumento formativo, uma vez que, ao narrar o fato vivido, o narrador revisita suas próprias experiências, trazendo a este um novo significado, por possibilitar um mergulho na sua própria trajetória. Aspecto de estreita ligação atemporal que permite um olhar maduro, profundo à sua própria trajetória pessoal e profissional.

Este olhar, novamente, em momento posterior, traz à tona um potencial momento de refletir/ressignificar as experiências, como discorre Pineau (2003), ao apontar que o tempo cronológico, o tempo das emoções, o tempo alma, são elementos que devem ser considerados para o aprendizado da vida, o que se configura mediante dialética. Situação oportuna para o autoexame, com vistas ao criar, planejar, implementar, analisar e compreender seu desenvolvimento profissional.

Tais experiências revelam o comprometimento do próprio percurso formativo enquanto objetivo pessoal, que se consolida pelo envolvimento e constituição de um tempo/espço para estudos e reflexões, mesmo que tenha que ocorrer para além do tempo do trabalho docente. Logo, distanciar-se do agora e transitar entre as primeiras e últimas experiências docentes, materializando-as pela escrita, desvela percursos, ansiedades, valores, angústias, fragilidades, reelaboração, reflexões, entre outros. Provisoriedades temporais que podem ser notadas a partir das construções perenes ocorridas ao longo do percurso formativo e da própria vida pessoal, por serem fenômenos imbricados.

Os percursos apresentados desvelam o entrelaçamento de experiências desde a tenra idade às buscas pessoais e profissionais, com um caráter sedento em responder, mesmo que temporário, aos desafios pessoais e profissionais. Entre busca pessoal, coletiva, apresentam esforços tecidos entre o individual e o coletivo, na proposição de refletir sobre seus anseios e desafios e buscar caminhos.

Tais narrativas expõem um exercício autoreflexivo produzido no caminho, sabedora de que é preciso buscar respostas. Logo, enquanto se constitui em sua jornada de aprendiz, tais memoriais comunicam fatos, locais, pessoas, tempos e reflexões (DAY, 2001). Corroboram com a investigação sobre o desenvolvimento profissional ao

VII Congresso Internacional de Pesquisa (Auto)Biográfica

UFMT – Cuiabá – 17 a 20/07/2016

Anais VII CIPA – ISSN 2178-0676

indicarem que a temporalidade, a sociabilidade e o lugar de trabalho podem ser potencializadores de uma trajetória profissional, ou não, quando, contrariamente, são opressores e frustrantes, na medida em que as tramas orquestradas, ocorrem em frágeis situações de sociabilidade, encarcerada por Política Pública de carreira, que cerceam e impõem o desenvolvimento profissional para o empoderamento e desenvolvimento da cidadania, mostrando-se aversa às professadas por pesquisadores como Day (2001), Marcelo Garcia (1999) e Nóvoa (1992 e 2002).

Há de se considerar, também, sobre os inúmeros profissionais que se sentem desmotivados a realizarem qualquer tipo de investimento pessoal ou profissional, devido à ausência de oportunidades ou mesmo de incentivos intrínsecos (DAY, 2004). O que gera uma perspectiva de que o desenvolvimento docente depende, em muitos aspectos, das interpretações que ele realiza sobre os dilemas da sua prática, de como pode atuar neste contexto sócio-histórico.

Por isso, ganham magnitude as trocas de experiência, o momento da indagação compartilhado, a busca de resposta no coletivo. Fomento que traz ao espaço escolar, e aos profissionais que ali atuam, a dinamicidade que só o trabalho coletivo proporciona. Assim, faz-se necessário que gestores educacionais, nas diversas instâncias, se atentem no sentido de promover a construção de um paradigma colaborativo entre os docentes, pois o modo como os professores elaboram, utilizam, transformam, interpretam as relações no espaço educativo e as integram nas estratégias que utilizam para resolução dos desafios da prática pedagógica são excelência para constituir o desenvolvimento profissional.

Diante do exposto, consideramos a partir da questão, também apresentada por Nóvoa (1995, p. 16): *“Como é que cada um se tornou no professor que é hoje?”*, que minha trajetória pessoal e profissional se imbricam a uma integralidade humana na qual espaços e lugares, tempos e pessoas contribuíram fortemente com o que sou hoje. Uma vez que a sede pessoal nos diferentes tempos, lugares e pessoas fizeram e fazem com que uma gota, uma contribuição, uma voz, uma luz... sejam plausíveis para a aprendizagem pessoal e profissional, ensejo que evoca sentir-me em desenvolvimento permanente, olhar sensível para colher e (re)plantar todo tempo. Embora precise assumir a autoria de um projeto formativo existencial seja fundante ao desenvolvimento

profissional, não o fazemos num universo lacunar, antes este se constitui entrelaçado pelo contexto sócio-histórico e cultural.

Referências

ABRAMOWICZ, Anete. Guerra e infância: entre o holocausto e a ditadura militar. *In*: SOUZA, Elizeu Clementino de Souza; BALASSIANO, Ana Luiza Grillo; OLIVEIRA, Anne-Marie Milon. (Orgs.). **Escrita de si, resistência e empoderamento**. 1. ed. Curitiba: CRV, 2014. p. 55-23.

CLANDININ, D. Jean; CONNELLY, F. Michael. **Pesquisa Narrativa: Experiências e Histórias na Pesquisa Qualitativa**. Trad. Grupo de Pesquisa Narrativa e Educação de Professores - ILEEI/UFU. Uberlândia: EDUFU, 2011.

CHARTIER, Anne Marie; HÉBRARD Jean. **Discursos sobre a leitura – 1880-1980**. Trad. Osvaldo Biato e Sérgio Bath. São Paulo: Ática, 1995.

DAY, Christopher. **A Paixão pelo Ensino**. Trad. Assunção Flores e Elodie Martins. Porto, Portugal: Porto Editora, 2004.

_____. **Desenvolvimento Profissional de Professores: Os desafios da aprendizagem permanente**. Trad. Maria Assunção Flores. Porto, Portugal: Porto Editora, 2001.

FREIRE, Paulo. Criando métodos de pesquisa alternativa: aprendendo a fazê-lo melhor através da ação. *In*: BRANDÃO, Carlos R. (Org.). **Pesquisa-Participar**. São Paulo: Brasiliense, 1982.

_____. **Educação como prática da liberdade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002.

_____. **Pedagogia da autonomia: Saberes necessários à prática educativa**. 23. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2003.

GADAMER, Hans-Georg Flickiner. **Gadamer & a Educação**. Belo Horizonte: Ed. Autêntica, 2014. (Coleção Pensadores e a Educação).

IMBERT, Francis. **Formação docente e profissional: forma-se para a mudança e a incerteza**. 4. ed. São Paulo: Cortez, 2004.

_____. **Para uma práxis pedagógica**. Brasília: Plano Editora, 2003.

MAFFESOLI, Michel. **O conhecimento do cotidiano: para uma sociologia da compreensão**. Lisboa, Portugal: VEJA, s/d.

MARCELO GARCIA, C. **Formação de Professores:** para uma mudança educativa. Porto, Portugal: Editora Porto, 1999.

NÓVOA, Antônio. Formação de Professores e Profissão Docente. *In:* NÓVOA, Antônio. (Coord.). **Os professores e a sua formação.** Lisboa, Portugal: Publicações Dom Quixote/IIIE, 2002.

_____. **Professores:** Imagens do futuro presente. Lisboa, Portugal. EDUCA, 2009.

_____. **Vidas de professores.** Porto, Portugal: Porto Editora, 1992.

PÉREZ-GOMEZ, Angel. O pensamento prático do professor: a formação do professor como profissional reflexivo. *In:* NÓVOA, Antônio. (Coord.). **Os professores e a sua formação.** Lisboa, Portugal: Publicações Dom Quixote, 1992.

PINEAU, Gaston. **Temporalidades na formação:** rumo a novos sincronizadores. Trad. Lúcia P. de Souza. São Paulo: Triem, 2003.

SACRISTÁN, J. Gimeno. Consciência e ação sobre a prática como libertação profissional dos professores. *In:* NÓVOA, Antônio. (Org.). **Profissão professor.** Porto, Portugal: Porto Editora, 1995.

SOUZA, Elizeu Clementino de. Imagens e narrativas sobre (auto) biografias, resistência e empoderamento: diálogos iniciais. *In:* SOUZA, Elizeu Clementino de Souza; BALASSIANO, Ana Luiza Grillo; OLIVEIRA, Anne-Marie Milon. (Orgs.). **Escrita de si, resistência e empoderamento.** 1. ed. Curitiba: CRV, 2014. p. 13-23.

SOUZA, Elizeu C.; BALSSIANO, Ana L. G.; OLIVEIRA, Anne-Marie M. (Orgs.). **Escrita de si, resistência e empoderamento.** Curitiba, PR: Editora CRV, 2014.